

Neoateísmo e espiritualidade laica, pela ótica da memória de Maurice Halbwachs

Valdir Stephanini¹
Marcelo Cardoso²

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v16i46.68550>

Resumo: O neoateísmo tem se demonstrado um forte movimento a favor da divulgação e aceitação do ateísmo na atualidade, cujas raízes são alicerçadas em ideais trazidos desde o Iluminismo. A escolha do ateísmo moderno pelo cientificismo, aproximou o movimento de uma linha de pensamento fundamentado em antigas teorias evolucionistas do biólogo inglês Charles Darwin e repaginadas como conceito neodarwinista. Entretanto, um dos principais pontos controversos do movimento neoateu é a busca pelo entendimento da importância da prática de algum tipo de espiritualidade laica ou racional. Afinal, seria relevante e possível alguma forma de espiritualidade laica ser praticada pelo sujeito ateu? Destarte, uma análise qualitativa do movimento através de pesquisa documental se faz necessária, como também a apresentação de Maurice Halbwachs com sua dialética sobre a importância da memória na religião buscando essa elucidação. A proposta será alcançar uma percepção mais detalhada para o estabelecimento de parâmetros na discussão favorável ou contrária a ideia de uma espiritualidade atea e sua possibilidade de prática dentro do ateísmo.

Palavras-chave: Neoateísmo; Neodarwinismo; Espiritualidade; Laicidade; Memória

Neoatheism and secular spirituality, from the perspective of memory of Maurice Halbwachs

Abstract: The new atheism has shown itself to be a strong movement in favor of the diffusion and acceptance of current atheism, whose roots are based on ideals brought from the Enlightenment. The choice of modern atheism for scientism brought the movement closer to a line of thought based on the old evolutionary theories of the English biologist Charles Darwin and renewed as a neo-Darwinian concept. However,

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2016) e atualmente é docente na Faculdade Unida de Vitória. E-mail: valdir@fuv.edu.br

² Doutorando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Possui bacharelado em Teologia pela Universidade Adventista de São Paulo (2000), pós-graduação Lato-Sensu em Liderança pela Andrews University em Michigan-EUA (2014). Mestrado em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (2019) e atualmente é professor da Faculdade Adventista do Paraná. E-mail: marcelocelda68@yahoo.com

one of the main controversial points of the New Atheist movement is the search to understand the importance of practicing some kind of secular or rational spirituality. After all, would it be relevant and possible for the atheist subject to practice some form of secular spirituality? Thus, a qualitative analysis of the movement is necessary through documentary research, as well as the presentation of Maurice Halbwachs with his dialectic on the importance of memory in religion, seeking that elucidation. The proposal will be to achieve a more detailed perception for the establishment of parameters in the discussion for or against the idea of an atheistic spirituality and its possibility of practice within atheism.

Keywords: Necoatheism; Neodarwinism; Spirituality; Secularity; Memory

Neoateísmo y espiritualidad secular, desde la perspectiva de la memoria de Maurice Halbwach

Resumen: El nuevo ateísmo se ha mostrado como un fuerte movimiento a favor de la difusión y aceptación del ateísmo actual, cuyas raíces se asientan en ideales traídos desde la Ilustración. La elección del ateísmo moderno por el cientificismo acercó al movimiento a una línea de pensamiento basada en las viejas teorías evolucionistas del biólogo inglés Charles Darwin y renovadas como un concepto neodarwinista. Sin embargo, uno de los principales puntos controvertidos del movimiento Nuevo Ateo es la búsqueda de comprender la importancia de practicar algún tipo de espiritualidad secular o racional. Después de todo, ¿sería relevante y posible que el sujeto ateo practicara alguna forma de espiritualidad secular? Así, es necesario un análisis cualitativo del movimiento a través de la investigación documental, así como la presentación de Maurice Halbwachs con su dialéctica sobre la importancia de la memoria en la religión, buscando esa elucidación. La propuesta será lograr una percepción más detallada para el establecimiento de parámetros en la discusión a favor o en contra de la idea de una espiritualidad atea y su posibilidad de práctica dentro del ateísmo.

Palabras clave: Nuevo ateísmo; Nuevo darwinismo; Espiritualidad; Secularidad; Memoria

Recebido em 14/06/2023 - Aprovado em 11/09/2023

Introdução

Antes de um aprofundamento no ateísmo, faz-se necessário um entendimento conceitual do vocábulo ateu e que tem sua procedência no grego erudito, encontrando-se na adição da preposição *a* (α), cujo sentido no idioma helênico seria a negação de algo e a palavra grega *theos*, que significa Deus. Portanto, em uma interpretação livre pode-se afirmar que ateu seria algo ou alguém sem Deus, aqueles que não creem e/ou ignoram a existência de qualquer tipo de divindade ou seres supremos.

Destaca-se que sempre no decorrer da história e num passado recente, os ateus e seus mais variados movimentos eram desprezados e lançados à rejeição, vistos pela sociedade por um panorama vergonhoso e credores das mais variadas críticas. Sendo marcados como pessoas repugnantes por seus detratores e nunca vistos como exemplos positivos. Onde estivessem sofriam perseguições veladas, algumas vezes declaradas e seguidas de violência advindas em grande medida por líderes clericais sempre ansiosos em dar uma implicação nada positiva ao defini-los.

Contudo, Minois reconhece que o ateísmo não é objeto de fácil entendimento levando em consideração apenas por seu significado de negação ou de declarações da inexistência de um Deus. O assunto primordial a se destacar sobre o tema é o fato de que o termo não está apenas ligado imediatamente a combinação com o conceito que se alude desta divindade, mas também a de uma visão ontológica de vida que a pessoa crente ou não possua (MINOIS, 2014, p. 11).

Porém, nos últimos anos tem surgido na sociedade contemporânea um dos movimentos mais significativos do ateísmo, chamado de neoateísmo. Suas várias formas multifacetadas estabelecem ações diversificadas e tem levantado lideranças capazes de disseminar uma mensagem atea cada vez mais atraente em uma sociedade cada vez mais secularizada. Esse movimento é capitaneado, atualmente por diversos propagadores e autores neoateus, a saber: Richard Dawkins, Christopher Hitchens, Daniel Dennett, Sam Harris, Michel Onfray e André Comte-Sponville.

Cabe ressaltar que diferente do que se possa a princípio imaginar, o neoateísmo não traz uma nova definição do que é ser ateu, mas sim uma nova proposta de vida para o sujeito ateu, tirando-o do obscurantismo e dando-lhe um protagonismo até então inexistente. Entre as mensagens que o neoateísmo apresenta à sociedade atual objetivando torná-lo mais popular e aceitável no mundo, uma em especial vem ganhando bastante relevância em seu meio por tratar especificamente da importância da espiritualidade no sujeito ateu e que tem encontrado internamente apoio por um lado e resistência por outro.

Aliás, há muito se tem falado sobre espiritualidade e sua importância para o bem-estar do ser humano, havendo na academia diversos trabalhos que abordam o tema e apresentam sua prática no auxílio da manutenção do bem-estar psicossocial do indivíduo. Inúmeras meta-análises já foram apresentadas apoiando tal hipótese e destacando seus benefícios, porém surge nesse cenário a principal pergunta: É possível a prática de algum tipo de espiritualidade laica pelo sujeito ateu ou esse é um instrumento restrito apenas a religiosos?

Para responder essa indagação, o trabalho se debruçará na visão do sociólogo francês Maurice Halbwachs, formado pela escola de Émile Durkheim e que é um

estudioso sobre o tema da memória coletiva na cultura e religião, onde os efeitos da espiritualidade na visão neoateia serão analisados por esse recorte. Para Halbwachs as memórias não são apenas um fenômeno individual, mas algo moldado e influenciado por grupos sociais aos quais os indivíduos pertencem, construindo e compartilhando de suas memórias em contextos sociais, culturais e até mesmo religiosos, sendo as mesmas formadas e mantidas em quadros sociais da memória.

Portanto, esse artigo em sua primeira parte apresenta um retrospecto do ateísmo tendo como base os ideais libertários do Iluminismo e que acabou por sedimentar no neoateísmo uma linha mais voltada para o racionalismo científico. Na sequência apresentam-se os quatro principais pontos de luta do movimento neoateu na sociedade contemporânea, tornando-o assim, o principal movimento do ateísmo moderno, mas tendo entre seus principais articuladores um ponto de divergência que é a possibilidade e importância da espiritualidade no sujeito ateu. Por fim, o artigo se aprofunda no que tem sido a principal controvérsia existente dentro do movimento ateu na atualidade, que é a espiritualidade atea, laica ou espiritualidade da razão, buscando como arcabouço para um eventual entendimento desse tema a visão de Maurice Halbwachs sobre a importância da memória na afetividade religiosa incorporada ao indivíduo sendo ele crente em divindades ou não.

Ateísmo, retrospecto a partir do Iluminismo

Há no ambiente religioso contemporâneo uma velada e contrariada percepção de que o ateísmo tem experimentado um significativo crescimento no número de adeptos nos últimos tempos, se tratando de números absolutos e os comparando percentualmente com as principais religiões do mundo, o ateísmo vem na atualidade apresentando uma taxa de crescimento bem acima de qualquer outra religião dita como tradicional (PEW, 2019).

Porém, o ateísmo nem sempre viveu momentos como agora, onde sempre foi um movimento marginalizado em que as pessoas declaradamente ateias nem sempre eram vistas com bons olhos pela sociedade no passado. A virada inicia-se a partir do Iluminismo, quando alguns pensadores e filósofos começam a se levantar contra a impostura da igreja à época, principalmente na Europa, manifestando publicamente dúvidas sobre a existência de deuses ou seres divinos/transcendentais, fato que até então era inconcebível e admissível de punição.

A partir do século XVI, diante de longos processos transformativos, a era Moderna surge impulsionada pelo Iluminismo como fenômeno, iniciando no Velho Mundo e se expandindo posteriormente para todo o mundo ocidentalizado com a

Revolução Puritana (1640) e a Gloriosa (1688) na Inglaterra, Revolução Americana (1776) e a Francesa (1789).

O surgimento e a ideia dos estados nacionais se consolidou definitivamente no século XVIII com o aparelhamento da burocracia administrativa central e a mudança entre o Absolutismo monárquico feudal e o Estado moderno, gerando posteriormente uma série de alterações sociais e políticas que derivariam entre outras situações no enfraquecimento da influência da Igreja sobre o próprio poder estatal e permitindo o surgimento muito posteriormente da industrialização, através da Revolução Industrial e do avanço da ciência pelo cientificismo ou Revolução Científica. Essas transformações permitiram nos três séculos que se seguiram, do XVI ao XVIII o aparecimento de enormes pensamentos filosóficos e reivindicações antirreligiosas até então inconcebíveis (BOBBIO, 2002, p. 32).

O Iluminismo por meio de suas propostas libertárias de se emancipar das tradicionais obrigações religiosas, tinha como pretensão a promoção do princípio da igualdade de todo ser humano. Isso acabou por estimular um interesse mais amplo e imparcial pela religião e suas múltiplas expressões, conseqüentemente promoveu um distanciamento do cristianismo, que era a religião dominante à época e que na visão dos iluministas era um elemento-chave para a manutenção do poder secular da Igreja e de seus líderes sobre o povo.

No início do movimento iluminista começa a surgir uma leve tendência ao anticlericalismo e que se acentua no decorrer do seu processo. Os simpatizantes do Iluminismo podiam ou não se identificar com o laicismo, mas invariavelmente sempre acabavam por denunciar mais diretamente a invasão do clero na vida pública e as diversas formas teocráticas. Esse anticlericalismo continuou se acentuando e avançando, encontrando uma voz mais atuante posteriormente na Revolução Francesa, cuja ênfase era a forte oposição à religião dominante e ao alto clero associado à nobreza daquele tempo.

Neste período, buscando desarticular qualquer forma de resistência, os líderes revolucionários desapropriaram os bens da Igreja, nacionalizando todos os recursos eclesiásticos e passaram as propriedades às mãos da burguesia. Na nova constituição promulgada em 1791, definiu-se que a Igreja ficaria daquele ponto em diante separada do Estado, mas sob sua tutela (COGGIOLA, 2013, p. 286), culminando assim por um Estado totalmente laico.

Na visão de Pedro Oro, a laicidade é um neologismo francês derivado do movimento revolucionário e que surge na segunda metade do século XIX, permitindo que o Estado promovesse uma correta separação entre ele e as religiões, e onde não houvesse interferências das diferentes correntes religiosas em assuntos governamentais,

nem em tomar por preferência uma religião em detrimento das demais. Um outro ponto de destaque é que um Estado laico permitiria uma proteção a todo cidadão na escolha por uma religião, dando-lhe a chamada, liberdade religiosa. Isso condicionaria todos em uma sociedade sob a égide dessa laicidade e o direito à igualdade independente de qualquer corte religioso, evitando assim que determinados grupos religiosos agissem de forma interferente em questões políticas (ORO, 2008, p. 81).

Ao ler sobre o avanço da laicidade iniciado pelos iluministas séculos atrás, pode-se concluir a princípio de que o Iluminismo era completamente contra a religião, porém ressalta-se que o movimento nunca foi sinônimo de total rejeição religiosa, mas foi a partir dele que se iniciou uma busca pela compreensão da religião em sua forma mais natural e correta, sem estar atrelada ao domínio dos religiosos e de suas fraudes.

A laicidade avançando pela modernidade

Em sua famosa obra, *Über die Religion. Reden na die Gebildeten unter ihren Verächtern*, publicada em 1798, Friedrich Scheleiermacher tenta resgatar o verdadeiro foco e critica os que determinavam ao Iluminismo o desenvolvimento de um espírito oposto a religião. Para Scheleiermacher, o Iluminismo tinha como principal objetivo localizar a verdadeira fonte da religião no interior do homem, colocando-a em seu devido lugar e que segundo o próprio autor estaria na sua psique (SCHELEIERMACHER, 2019, p. 38).

A era Moderna e o avanço da ciência promovido, como já visto anteriormente, pelo Iluminismo alavancaram, a partir do século XIX dois tipos de ateísmo, um chamado de ateísmo humanista, ou antropológico e outro científico. Esse último, mais aceito hoje pelo neoateísmo, tinha como grande referência as recentes descobertas até então de Charles Darwin e sua teoria evolucionista e tendo como principal tributo a obra, *A origem das espécies* (SILVA, 2022, p. 444).

As interpretações de Darwin partem do pressuposto de que todos os seres vivos originam-se de um tronco de ancestralidade comum e que acabam por desenvolver alguma forma evolutiva posterior, condicionando-os a um processo transformativo de aperfeiçoamento chamado de seleção natural e que acaba por contrapor frontalmente com a interpretação judaico-cristã, que até então apresentava um processo baseado na existência de um criador ou ser transcendente denominado como Deus ou ser divino e originador de toda forma de vida, narrativa essa até então dominada pelos religiosos no Ocidente (BLANC, 2010, p. 31).

Em seu artigo intitulado, *Religião, memória e cultura: perspectivas teóricas a partir de Maurice Halbwachs*, o antropólogo Alfredo Teixeira apresenta a visão de Halbwachs sobre a influência da memória na religião e espiritualidade do indivíduo, afirmando que os seres humanos conseguiram no decorrer do seu processo evolutivo desenvolver uma cadeia de

recursos mnemônicos e meios pelos quais puderam posteriormente acessar através de registros suas descobertas, produções e aquisições.

A religião tem uma força muito grande na produção de experiências e na construção da coletividade, portanto, não há como menosprezar o papel da memória na guarda dessas experiências, se tornando com isso uma enorme fonte de memória na construção espiritual individual. Fato este que será explorado na análise da espiritualidade laica (TEIXEIRA, 2019, p. 927).

Muitos anos mais tarde, Dawkins como principal autor das mensagens e propagador do neoateísmo, utiliza-se do mesmo expediente e descarta qualquer possibilidade da utilização da retórica filosófica para divulgação do movimento neoateu. Seguindo a escola do ateísmo científico, sua linha de argumento baseia-se na exposição e defesa da ciência corroborando com a ideia de que a humanidade durante muito tempo viveu nas trevas do obscurantismo, do fanatismo religioso e do desconhecimento.

Ainda de acordo com Dawkins, a voz da ciência tendo o seu devido lugar alcançado fez com que a marcha do progresso se tornasse implacável. Os fundadores da revolução científica no passado deram o início a esse processo e Darwin avançou muito com uma explicação mais coesa do universo e da existência humana aplicando termos inteiramente materialistas ao alcance do entendimento de todas as pessoas na atualidade (DAWKINS, 2015, p. 188).

Retrospecto atual do ateísmo pelo neoateísmo

Cientificamente, quando se busca entendimento sobre qualquer objeto linguístico, normalmente se inicia pela definição da palavra que a compõe e tenta-se estabelecer um vínculo entre a palavra e o conceito. Alguns desses vocábulos dispensam tal exercício, esse é o caso da palavra, neoateísmo. Por mais que seja um neologismo, seu sentido parece expressar exatamente a mensagem que quer passar, porém veremos que na prática não é o que acontece.

Outro ponto a se ressaltar é que o termo neoateísmo não é bem aceito por alguns adeptos do ateísmo moderno, que acabam por caracterizá-lo como leviano e pejorativo. Contudo, Franco aduz que a expressão neoateu é um conceito heurístico que deriva da insistente abordagem que as sistemáticas críticas direcionadas à religião são feitas, tendo como base a teoria evolucionista de Darwin e as recentes descobertas das ciências biológicas no campo da genética conhecidas como teoria neodarwinista (FRANCO, 2014, p. 76).

A expressão neoateísmo é muito mais que um novo conceito ou uma inovadora fundamentação como proposta diferente da que já existia em relação ao ateísmo, segundo Zenk. Na visão dos que o tentam decifrar, neoateísmo seria um movimento midiático de

divulgação da mensagem atea e tentativa de alcance das novas gerações. O ateísmo moderno não tem a pretensão de trazer uma nova proposta para uma fundamentação teórica que caracterizaria um pensamento inédito sobre a questão como o próprio nome supostamente sustenta, isto na prática nunca ocorreu em se tratando do movimento neoateu. Os planos aparecem de outra maneira e envolvem muito mais na injeção de ânimo a uma mensagem atea do passado, sem haver a pretensão de objetivamente trazer algo muito novo para o presente (ZENK, 2012, p.257).

No mundo religioso contemporâneo, o ateísmo através do movimento neoateu se favorece por uma estratégia mais atuante de propagação da sua mensagem e boa parte desse crescimento esclarece Dennett, se deve ao estilo mais beligerante de divulgação das propostas ateias (DENNETT, 2006, p. 33) e uma aproximação com um tipo de ateísmo positivo³, onde não há espaço para meio termo ou adaptações.

Seus principais articuladores e divulgadores do movimento neoateu: Richard Dawkins, Christopher Hitchens, Daniel Dennett e Sam Harris pelo lado inglês, enquanto Michel Onfray e André Comte-Sponville aparecem pela escola francesa, são os grandes propagadores do movimento. Eles atribuem ao ateísmo moderno ser o grande porta-voz dos ateus na contemporaneidade e acabam por conquistar mais simpatizantes por meio de suas obras, discursos, palestras e entrevistas.

A proposta de laicização do Estado é outro ponto pacífico na temática neoateia, sendo marcante em sua mensagem qualquer que for seu autor. Os ateus modernos enxergam a clássica promoção de laicidade, que denota a separação da Igreja do Estado, como algo que representa na prática uma forte militância pelo enfraquecimento da influência da religião em qualquer esfera da sociedade, além de propor, segundo o próprio Sam Harris declara: “Que todos os espaços públicos sejam devidamente higienizados de qualquer vínculo religioso, transformando-os em espaços mais secularizados” (HARRIS, 2007, p. 14).

Já a grande ênfase de Dawkins fundamenta-se na ideia de superioridade da ciência sobre a religião, sendo isto a principal causa que encoraja a faceta pública do neoateísmo a propagandear seus ensinamentos e o transforma em um dos seus maiores expoentes e divulgadores. O pensamento neodarwinista carrega implicações conceituais de um imaginário que identifica na ciência um ideal de racionalidade e objetividade de cunho salvacionista. Isso é quase como dizer que a racionalidade é um tributo da modernidade e que quanto mais a ciência evolui, tanto mais coisas podem ser aprendidas de modo racional e objetiva (DAWKINS, 2005, p. 244).

³ O ateísmo é classificado de diferentes formas, sendo que a mais comum é conhecida como ateísmo positivo. Ele refere-se a um tipo de ateísmo que de algum modo exclui categoricamente a existência de Deus, tanto de forma direta, quanto no plano metafísico.

As religiões por se fundamentarem em um conhecimento subjetivamente suficiente, seriam representantes do universo emocional e que estariam distantes da realidade. Neste sentido, seu lugar perante a ciência seria algo como as fábulas infantis, o lugar da imaginação, da fantasia e do delírio como algo patológico, como um vírus (DAWKINS, 2006, p. 212).

No neoateísmo encontram-se quatro pontos pacíficos entre seus principais autores, onde todos se unem no erguimento de frentes em comum e para uma intensiva propagação do ateísmo moderno na contemporaneidade, seriam eles: Identificar as religiões como essencialmente más ao ser humano, sendo uma ferramenta de alienação e retrocesso para o avanço de uma sociedade mais tolerante diante de assuntos que na visão religiosa seriam moralmente polêmicos; compreender que longe do que se afirma, a religião não é detentora da moral, princípios e valores, podendo haver respeito aos direitos e à igualdade humana fora do ambiente religioso; a laicidade do Estado como sendo a forma ideal de relação entre o poder público e cidadãos, sem a completa interferência de qualquer tipo de religião e por último, a resposta aos questionamentos ontológicos do ser humano deve vir meramente pela ciência, devendo as pessoas se afastar das hipóteses metafísicas propostas pela religião.

Por fim, fica perceptível que o ateísmo através do movimento neoateu vem alcançando na atualidade uma postura cada vez mais voltada para um tipo de ateísmo positivo como já afirmado, que acaba por objetivar uma recusa e rejeição completa da possibilidade da existência de deuses ou de um deus específico, e se transformando em um tipo de antiteísmo com forte oposição não somente à mensagem, mas também se voltando contra o próprio mensageiro, a saber as religiões e grupos religiosos.

Há, contudo em seu meio, uma certa alteração sobre a chamada espiritualidade e sua prática pelo sujeito ateu, produzindo no movimento duas correntes. Uma trata sobre a referida espiritualidade laica e outra é voltada para um tipo de ascetismo hedonista, situação que será apresentada a seguir.

Espiritualidade laica no neoateísmo e a ótica de Halbwachs

O tema espiritualidade, além de abrangente, não é um patrimônio exclusivo do mundo eclesástico como se verá. Apesar do assunto aparentemente estar atrelado ao campo das religiões, alguns dentro do neoateísmo chegam a afirmar que há lugar para um tipo de espiritualidade laica, espiritualidade essa que chegam a denominar de espiritualidade da razão. Mas, até onde é possível e que sentido faria a sua prática por uma pessoa que se declara atea?

Conforme a obra de André Vauchez, historiador francês, que aborda o tema da espiritualidade na Europa entre os séculos VIII e XIII, a espiritualidade é destacada como

um termo não aplicável à sociedade ocidentalizada até a Idade Média, só começando a ser utilizada e difundida posteriormente na Idade Moderna e Contemporânea. Em sua análise, a espiritualidade é apresentada como condicionada a uma interpretação e vivenciada de acordo com o recorte geográfico, social, cultural e histórico realizada por cada religião à sua época. Portanto, sendo entendida como algo revestido de um significado próprio e não apenas condicionada aos religiosos, mas ampliada para segmentos não eclesásticos (VAUCHEZ, 1995, p. 22).

Por se confundir em inúmeras oportunidades religiosidade com espiritualidade, urge a compreensão e a necessidade de separação do que seria religião e espiritualidade. Na busca por esse entendimento, Kirkpatrick afirma que a religião é definida como um sistema de crenças em um Deus ou deuses, envolvendo rituais de adoração e com um seguimento de normas e condutas éticas para a prática do bem com o objetivo de tornar seus seguidores melhores seres humanos (KIRKPATRICK, 2005, p. 258).

Já espiritualidade pode ser entendida como um conjunto de crenças, atitudes e práticas que buscam transcender e alcançar o mundo espiritual sem regras bem claras, tentando assim, por seus próprios caminhos conquistar o bem-estar e a paz interior, podendo neste caso estar ligada ao culto e adoração ou simplesmente não. Nota-se que a diferença entre um e outro conceito é bem sutil, chegando ao ponto de alguns apontarem de forma simplista que religião é um movimento coletivo e espiritualidade envolve uma prática meramente individual, mas que ambas estão umbilicalmente amalgamadas (CORBI, 2014, p. 111).

Porém, uma outra maneira de se ver espiritualidade está no apontamento de Certeau ao destacar indiretamente a espiritualidade através das influências na rotina humana e que acaba por trazer um estudo aprofundado da análise das práticas culturais cotidianas como instrumento da busca por significado, conexão e transcendência encontrados na relação social. Para o historiador francês, é o cotidiano social que determina todo indivíduo e não o inverso.

Seu argumento baseia-se no pressuposto de que a procura pelo inefável, pelo inacessível não se limita apenas à esfera religiosa ou pelo que se convencionou na cultura oficial, mas é facilmente encontrada em vários espectros da vida humana. Pessoas comuns interagem com a cultura dominante e tentam encontrar maneiras de resistir as restrições impostas pela sociedade e por instituições já estabelecidas, essa resistência pode incluir formas de expressões espirituais e que não se encaixam nos modelos religiosos tradicionais, nascendo assim, diferentes formas de se viver espiritualidade (CERTEAU, 2014, p. 58-40).

Todo indivíduo crendo ou não em um ser transcendente, consegue manifestar a sua espiritualidade através de práticas criativas, adaptativas e individualizadas, que não precisam estar explicitamente sancionadas por instituições religiosas. Em suma, a experiência cotidiana e as práticas individuais oportunizam uma influência na forma como a pessoa enxerga a espiritualidade e suas relações com as outras pessoas. Cabendo por fim ressaltar que na busca por algo além do aparente racional, em algumas ocasiões as palavras e categorias convencionais falham em expressar de forma completa essa experiência, podendo muitas vezes ser encontrada por meio de uma práxis espiritual não necessariamente religiosa.

O que Certeau apresentou em seu estudo cotidiano, passa a partir da segunda metade do século XX a ser notório no Ocidente com um enfraquecimento gradativo e uma perceptível desilusão em relação às instituições religiosas e tudo que estivesse ligado a elas. Como efeito desse declínio, houve por parte da espiritualidade o atrelamento de ressignificações e possibilidade de um afastamento progressivo de sua prática da religião. Isso fez com que a espiritualidade ganhasse contornos mais positivistas, fugindo, portanto, da antiga relação negativa que uma experiência religiosa institucionalizada trazia.

Contudo, como visto anteriormente entre os integrantes do ateísmo moderno, o combate efusivo às religiões na atualidade é um dos pontos de consenso, não havendo nesse aspecto divergências em relação ao assunto em seu meio. Já no que se refere a espiritualidade e sua possibilidade de prática pelo ateu, o assunto ganha contornos polêmicos, pois há quem defenda sua prática e quem rejeite.

Sam Harris e André Comte-Sponville apontam que ser ateu não é um impeditivo para que o indivíduo viva uma espiritualidade plena, aliás, para eles, espiritualidade é uma necessidade básica de todo ser humano. Mesmo declarando que as religiões não trazem em sua essência mensagens verdadeiras e que o Deus propagado por elas não existe, os ateus não podem descartar as religiões por conta disso, pois tanto os rituais, quanto o modo de pensar e estilo de vida promovido pelas religiões ainda podem ser um grande auxílio. Ainda de acordo com esses autores, a busca por reflexão pelos zen-budistas seria um bom exemplo de como a espiritualidade trabalharia na busca desse sentido e centralidade de vida (COMTE-SPOVILLE, 2007, p. 101).

Harris ainda reflete que é de suma importância que qualquer pessoa desenvolva uma espiritualidade e que possa fazê-la sem perpassar necessariamente pela crença em algum tipo de ser divino ou atrelada a um vínculo religioso. A religião é essencialmente má, contudo, a espiritualidade se torna um fator de extrema relevância no auxílio do autoconhecimento e serve como instrumento para o ser humano alcançar uma vida melhor. É necessário para tanto, a quebra de paradigma do preconceito no meio secular em achar que a espiritualidade é apenas um domínio da religião (HARRIS, 2015, p. 106).

Por meio de uma entrevista concedida à revista *Veja*, logo após a publicação de seu livro, *Despertar: um guia para a espiritualidade sem religião*, Harris determina que todo indivíduo necessita de um alargamento da consciência natural e simples, um tipo de conhecimento espiritual, porém não religioso. Remover a espiritualidade da soberania das religiões é o grande excerto que faltava aos fundamentos seculares, sendo razoável chegar à transcendência e alcançar a mais plena felicidade sem se avizinhar do âmago divino, e isso é possível por meio de meditações, controle da respiração e até o uso de drogas alucinógenas que venham a contribuir para o alcance de um estado de espírito, conduzindo para o caminho da espiritualidade dos ateus (LOIOLA, 2016, p. 82).

Ainda, de acordo com Harris, é improcedente esclarecer a transcendência pela ótica da religião apenas, é completamente plausível para ateus terem ensejos espirituais em locais considerados sagrados, tais como: escritórios, cômodos da casa, ou qualquer outro lugar que seja significativo para eles. A espiritualidade segue sendo a grande lacuna das doutrinas seculares, do humanismo, do racionalismo, do ateísmo e de todas as outras ações defensivas que o ser humano assume diante da existência da fé irracional (LOIOLA, 2016, p. 82).

Percebe-se que a proposta apresentada envolve um preâmbulo entre o fazer espiritualidade como um tipo de prática religiosa e não ter nenhum tipo de espiritualidade. Por não haver a viabilidade de mais informações científicas para afirmar que a transcendência é realizável, ela acaba por se concentrar na habilidade mental de despertar do sonho de um ser único e indivisível, tornando-se com isso em um ser humano melhor e utilizando-se de um tipo de espiritualidade para alcançar um propósito de vida para si e para o próximo na sociedade, sendo esse ponto extremamente defendido por aqueles que são favoráveis a ideia.

Já do lado dos que rejeitam qualquer tipo de espiritualidade e sua prática, está Dawkins, trazendo uma narrativa pautada no neodarwinismo. Ele não chega a descartar a hipótese da necessidade apresentada por Harris do ser humano viver em prol do próximo e do coletivo, mas rejeita a ideia de que a espiritualidade proporcione essa capacidade. Dawkins busca em explicações biológicas para rejeitar tal condição, imputando a camaradagem e o altruísmo a um tipo de afetação do gene que são próprios dos meios evolutivos originados do convívio social mantido para a própria sobrevivência da espécie. Ele compara tais necessidades apresentando como exemplo o trabalho coletivo das abelhas e formigas que se organizam e estabelecem estruturas comunitárias complexas partilhando de alguma forma de troca social. Esses animais vivem um tipo de princípio de solidariedade e divisão de trabalho pelo bem comum da sua coletividade, mas sem um sentido racional da atitude em si em prol da sobrevivência da espécie (DAWKINS, 1989, p. 177).

É perceptível que a essência especial e darwiniana de afetação necessita ser mais bem elucidada, sendo ela o referencial de Dawkins. Fundamentado em regras de continuidade e reprodução, inquietação basilar da teoria evolucionista, ele sugere uma congruência amoral para as pessoas. Tal raciocínio não leva em consideração a intencionalidade do agente, mas sim o efeito da ação, ou seja, as declarações naturalistas e evolucionistas de moralidade seriam fundamentadas nas atitudes e não na parcialidade de quem age. Nesse caso até mesmo um ser vivo como o macaco, seria identificado como altruísta se procedesse a aumentar a satisfação de outra entidade semelhante. Contudo ninguém em sã consciência pode crer que tal animal irracional atingiria um grau de desenvolvimento e de conformação de espiritualidade porque resolveu dividir sua comida com outro semelhante, só porque seu instinto de sobrevivência o fez agir dessa maneira.

Michel Onfray partilha do mesmo pensamento de Dawkins e vai mais além. Em sua principal obra, *Tratado de ateologia: física da metafísica*, o autor não busca execrar os conceitos de bem e de mal, mas há de serem acatadas essas percepções de acordo com o entendimento da razão, destituído de roupagens de espiritualidades ilusórias, apoiados em juízos sobre o além-mundo. Onfray reputa que a resolução para uma moral racional estaria em um tipo de endosso chamado de ascetismo hedonista e apresentar-se-iam novos princípios instituídos na cortesia e na felicidade destinados ao maior número possível de pessoas. Nesse alento imanentista, ocorreria a comprovação de toda intersubjetividade, por meio da liberdade de ação e pensamento, desassociando-se das obrigações de uma ontologia de retribuição e de castigo, propostas apresentadas normalmente pelas religiões (ONFRAY, 2009, p. 20).

Mesmo partilhando de um sentido inverso e havendo aparente antagonismo entre ascetismo e hedonismo, Onfray declara que o sujeito ateu pode e deve partilhá-los ao mesmo tempo. Normalmente o conceito de ascetismo dá uma ideia de algo que defende a abstenção de prazeres carnavais, sejam eles de ordem psicológicos ou físicos. Para seus praticantes, a matéria ou corpo físico é a fonte de todos os males, não podendo haver proveito no âmbito espiritual. A forma que um asceta religioso enxerga no alcance do clímax espiritual é por meio de renúncias de tudo aquilo que seja físico e pertencente ao mundo terreno dos prazeres. Curioso é que Max Weber já apontava a prática de um tipo de ascetismo oposto ao ascetismo religioso e que por ele foi denominado de ascetismo intramundano.

De acordo com Weber, o ascetismo intramundano surgiu quando do início da Reforma Protestante, que se opunha à ascese da igreja católica e que afirmava ter o domínio institucional da relação entre os seres humanos e Deus. Sendo, somente por meio dela, igreja católica, que suas criaturas poderiam buscar a perfeição e aceitação do

transcendente infringindo a si próprios martírios, penitências, castigos e privações, além do pagamento de indulgências para o alcance de favores divinos (WEBER, 2009, p. 108).

Foi com Lutero e depois estendida a outras ramificações protestantes que uma nova forma de ascetismo foi reinterpretada. Nesse tipo de ascetismo, se determinava que a dedicação ao trabalho era suficiente para fazer com que os fiéis não dessem atenção aos prazeres carnavais do mundo e se dedicassem exclusivamente à sua própria realização pelo trabalho, alcançando assim o tal sentido de vida como seres humanos úteis e contribuindo para um bem comum.

Onfray aplica esse tipo de ascetismo à visão ateia e o molda de maneira mais apropriada, destacando que o ateu deve buscar sua realização em tudo aquilo que lhe dê significado e lhe ajude a alcançar um sentido ontológico, mas que ao mesmo tempo essa busca deve ser prazerosa, não renunciando à sua autorrealização. Ele repudia qualquer possibilidade de haver espiritualidade no ateísmo, mesmo que seja apenas um uso da palavra sem sentido e sem conotação religiosa. Na sua ótica, todo ser humano tem o direito de buscar a felicidade a todo custo até um limite, limite este que esbarra na responsabilidade para consigo e para com o próximo. Para Onfray, isso acaba por servir como um tipo de freio moral para aqueles que buscam o prazer e acaba dando o nome a isso de ascetismo hedonista (ONFRAY; SATHÉL, 2009, p. 72).

Pela perspectiva de Onfray, o dualismo é apresentado em diversas oportunidades como sendo contrário a dicotomia do corpo e da alma de Platão. Para o filósofo grego, a matéria (o corpo) seria um entrave para o desenvolvimento do pensamento, já que ele seria um repositório dos prazeres e paixões, impedindo um verdadeiro discernimento do pensamento. Conferindo aos prazeres e paixões sentimentos necessários ao ser humano, desde que não acarrete malefícios a outras pessoas, enquanto a matéria não é necessariamente má, cabendo ao indivíduo saber utilizá-la em seu próprio benefício.

No meio dessa dicotomia dentro do neoateísmo pela busca de um entendimento sobre a espiritualidade laica, resolveu-se buscar a partir daqui uma visão do filósofo francês Maurice Halbwachs, que dedicou grande contribuição de seus estudos na compreensão entre memória e coletividade a partir da primeira metade do século XX. Se tornando útil neste caso para uma análise extracorpórea desse tema específico no ateísmo moderno.

Halbwachs explica de maneira bem simples que as pessoas têm mais facilidade em recordar quando estão ligadas a estruturas sociais por meio de ancestralidade posterior e a importância das relações sociais, espaciais e temporais acabam então sendo compartilhadas e assimiladas por determinado grupo. Para ele a memória coletiva fornece dados para a constituição das memórias individuais e às vezes o indivíduo pode achar que

há diferença entre elas, mas na verdade as memórias individuais e coletivas estão sempre interligadas e se fundem. Como exemplo, há a memória da infância, a memória da escola, a memória da religião e todas elas podem ser classificadas como memórias individuais ou resignificação de uma memória coletiva. Destarte, as memórias individuais são um reflexo, uma interpretação das memórias coletivas do espaço e do tempo, onde o indivíduo está inserido (HALBWACHS, 1968, p. 35).

Para o filósofo francês os indivíduos partindo de uma perspectiva ocidentalizada, são constituídos e contaminados por atributos judaico-cristãos desde sua origem, mesmo que não partilhem de um ramo familiar religioso ou afeito à religiosidade. Fazendo com que eles se alimentem da releitura de elementos antigos que uma tradição religiosa possa trazer, incluindo aqui a preocupação pelo seu bem-estar e de outras pessoas. Isto acaba por implicar em uma necessidade de se buscar um sentido existencial como já foi tratado anteriormente e que se torna o ponto central sobre a relevância e o sentido da espiritualidade.

Os grupos humanos desenvolveram ao longo da sua história toda a espécie de recursos mnemônicos e sistemas de registros para facilitar o acesso posterior a algo que foi descoberto, produzido ou adquirido. Teixeira aponta que para Halbwachs, a religião e consequentemente o desenvolvimento da própria espiritualidade acaba por absorver um pouco dessas experiências humanas na construção de uma coletividade. Sendo assim, a memória é contida na sociedade que a reconstrói e para que as memórias individuais tenham significado elas necessitam de respaldo, ecos nas memórias coletivas e o grupo do qual o indivíduo está inserido também deve ter contato com a rememoração dessas memórias individuais (TEIXEIRA, 2022, p. 2).

De acordo com Halbwachs, há existência de diversas memórias, seja sobre a vida, sobre os ideais nacionalistas ou até mesmo valores religiosos/espirituais. Essas memórias coletivas diversas que permeiam o imaginário social garantem a integração enquanto indivíduos em grupos sociais, fato esse devidamente defendido dentro do neocateísmo. Quando uma pessoa nasce, nasce desprovida de memórias, porém com o passar do tempo, essa mesma pessoa vai acumulando vivência e experiência de vida, permitindo adquirir suas próprias memórias individuais em contato com seu grupo social que está inserido no tempo/espaço.

A memória constrói a identidade de um indivíduo guardando vivências e experiências na expectativa de dizer quem é o sujeito, além de falar sobre o mundo ao seu redor. Por isso, Halbwachs conclui que as tradições religiosas, nisso pode-se incluir a necessidade de se praticar espiritualidade, têm a capacidade de integrar e unificar as diferentes camadas da sociedade. Ou seja, para uma significativa compreensão da espiritualidade, a memória proporciona um entendimento das condições em que elas se

encontram e suas diversas modificações no decorrer do tempo (HALBWACHS, 1968, p. 42).

A relação entre a memória social de Halbwachs e a espiritualidade está principalmente ligada à maneira como as memórias coletivas se manifestam e são transmitidas através das práticas espirituais, dos ritos e nos próprios espaços religiosos. É muito próprio aplicar sua teoria da memória social no entendimento de como a própria espiritualidade pode ser construída e mantida no ser humano por meio dos lugares sagrados, das narrativas, e das tradições orais e escritas.

Através da memória da origem da religião, se oferece uma oportunidade de organizar costumes e inscrever narrativas em formas de códigos próprios para cada religião no entendimento do sagrado e profano. A memória social auxilia na criação da arte e rememora lugares fundadores, porém aqui vai uma ressalva, muitas vezes os lugares fundadores não são apenas locais físicos, como sítios importantes para algumas religiões especificamente. Os lugares fundadores podem ser um evento significativo ou datas ligadas a algo importante para alguma religião especificamente. Doravante, esses lugares são estabelecidos pela tradição e são de extrema importância para se criar uma unidade em torno de um significado, auxiliando, assim, a memória no estoque de simbolismos sobre determinada religião.

Outro ponto a ser comentado é que a durabilidade de uma cultura religiosa está atrelada à estabilidade da sua tradição e para se tornar como tal, necessita de tempo para a construção de um conjunto de doutrinas, de visão de mundo, de valores e costumes. No caso de pessoas ditas não-religiosas, esse entendimento é de fundamental importância para uma compreensão de que os mesmos mecanismos utilizados pela religião no objetivo de agregar valores éticos e morais, também podem dar uma visão e sentido de responsabilidade individual pelo pertencimento em uma coletividade por meio da prática de uma espiritualidade laica.

As memórias individuais passam a ser construídas em contato com as memórias coletivas de outros, assim o indivíduo vai se integrando gradualmente à sociedade na qual ele nasceu construindo um senso comum de pertencimento e gerando responsabilidades sobre esse grupo. Por isso, a importância da assimilação das memórias coletivas sendo ressignificadas no âmbito das memórias individuais servem para que elas tragam o sentido de vida tão almejado por todos, ponto esse, comum tanto para os que apregoam a defesa da prática da espiritualidade racional e para aqueles que rejeitam tal possibilidade dentro do movimento neoateu. Na prática percebe-se que a memória social fornece contextos ricos nos quais a espiritualidade pode ser sustentada e praticada ao longo de gerações por qualquer indivíduo, quer seja crente ou não e que o auxiliam nessa busca pelo sentido de vida tão comum a todos.

Conclusão

O presente trabalho se propôs a apresentar um conciso histórico e pavimentando um caminho para compreender as linhas gerais do ateísmo e que constroem os parâmetros para o avanço do movimento mundialmente na atualidade. O marco temporal ocorreu no Iluminismo, a partir do século XVI e avançou quando a religião e a igreja começaram a deixar de ter a sua proeminência no Velho Mundo, iniciando a ascensão do materialismo cientificista, ganhando força no decorrer do tempo pelo mundo e espalhando esse sentimento contra as demais religiões, atingindo seu apogeu em nossos dias.

Em outro momento, destacou-se o início e o porquê do ateísmo moderno como movimento preponderante para o desenvolvimento do ateísmo, através do crescimento do número de simpatizantes por sua mensagem no mundo contemporâneo. O movimento neoateu se desenvolve hoje graças ao surgimento de alguns expoentes que alavancaram a mensagem do ateísmo, tornando-a mais acessível as pessoas. Os principais autores do neoateísmo liderados por Richard Dawkins, tem uma mensagem quase uníssona, utilizando-se da mídia e redes sociais, tornando-as facilmente compreendidas por pessoas indivíduos cada vez mais secularizadas.

O neoateísmo abraça os fundamentos estabelecidos desde o Iluminismo e, principalmente aquele que apresenta a necessidade de um Estado Laico, sendo essa a sua principal bandeira atualmente. O movimento do ateísmo moderno, enxerga a influência perigosa que o estreitamento das religiões com o Estado tem alcançado em várias áreas, principalmente na política e vê que o principal instrumento para enfraquecimento dessas religiões é a constante luta pela laicidade, desaparecendo as religiões.

Apesar de haver quase uma conformidade na mensagem entre os autores neoateus, há um ponto entre eles que tem chegado a causar uma certa cizânia. Pois, ao falar sobre espiritualidade surge a dúvida se esse instrumento aparentemente de domínio religioso pode ser utilizado por um sujeito ateu e se a sua prática pode ser útil de alguma maneira na construção de um melhor sentido de vida.

Para essa compreensão houve a necessidade de fazer uma distinção entre religiosidade e espiritualidade, haja vista, serem aparentemente palavras semanticamente parecidas, mas que ao serem analisadas demonstraram uma aplicabilidade completamente distinta uma da outra. Um outro destaque apresentado foi a compreensão de duas linhas de pensamento no neoateísmo, uma favorável e outra contrária sobre a importância e possibilidade de prática pelo sujeito ateu. Entre os favoráveis encontram-se, Sam Harris e André Comte-Sponville, enquanto do lado contrário estão, Richard Dawkins e Michel Onfray.

Na defesa de uma espiritualidade atea ou laica, Harris e Comte-Sponville, defendem que o ser humano necessita viver uma espiritualidade baseada em virtudes e valores, para que a própria vida do indivíduo possa fazer algum sentido, corroborando para o bem de toda uma sociedade e das novas gerações que virão. Já, Dawkins e Onfray, são contrários a essa possibilidade. Dawkins aponta que não há necessidade da espiritualidade para que haja esse tipo de consciência em prol do próximo, pois os genes evolutivos que todos os animais possuem os fazem inconscientemente trabalhar pela coletividade e felicidade de uma sociedade e Onfray partilha do hedonismo ascético, onde cada indivíduo possui liberdade para ser feliz através do prazer, sendo esse sentimento necessariamente bom e que deve ser vivido sem o medo da culpa e do remorso, mas que deve ser acompanhada da responsabilidade de não ser instrumento da infelicidade de outros.

Por fim, o artigo propôs uma contribuição de Maurice Halbwachs sobre memória e coletividade, dialogando entre sua perspectiva e a visão dos autores neoateus em torno da prática ou não de um tipo de espiritualidade atea e tendo como ponto centralizador a busca incansável que o indivíduo tem por um sentido ontológico e que não deve ser apenas de domínio religioso. Cabendo compreender que o que importa é uma busca pelas razões de existir, contribuindo ao mesmo tempo na sociedade e com as pessoas que a compõe, sem renunciar a seus prazeres e paixões, mas com responsabilidade. Isso tudo pode e deve ser construído por aquilo que alguns acabam chamando de espiritualidade atea, outros de bancos genéticos de ancestralidade dentro de um processo evolutivo ou por meio de um hedonismo ascese praticado com responsabilidade.

Apesar de controversa no movimento neoateu, é inegável que o tema da possibilidade de prática de um tipo de espiritualidade laica ou racional pelo sujeito ateu se torna fundamental, pois como visto na visão do próprio Halbwachs, abre-se uma janela de possibilidades no caminho da necessidade que todo indivíduo traz em si por uma ressignificação e busca por um sentido de vida.

Referências

ABOUT Pew Research Center. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/about/>.

Acesso em 21 set. 2022.

ALBERT Einstein, em *Living Philosophies: The reflections of some eminent men and women of our time*, org. Clifton Fadiman. New York: Doubleday, 1990.

BLANC, Cláudio. *O homem de Darwin: o impacto do Darwinismo na ciência, religião, sociedade e no futuro*. São Paulo: Avalon, 2010.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- COGGIOLA, Osvaldo. Novamente, a Revolução Francesa. *Projeto História*, São Paulo, v. 23, n. 47, p. 280-295, 2013.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CORBI, Marià. Una espiritualidad no religiosa desde la tradición cristiana. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 110-125, 2014.
- DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DAWKINS, Richard. *O capelão do Diabo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DAWKINS, Richard. *The God delusion*. New York: Houghton Mifflin Company, 2006.
- DAWKINS, Richard. *Fome de saber: a formação de um cientista – memórias*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2015.
- DENNETT, Daniel. *Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural*. São Paulo: Globo, 2006.
- DWORKIN, Ronald. *Religião sem Deus*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.
- FRANCO, Clarissa de. *O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: PUF, 1968.
- HARRIS, Sam. *Carta a uma nação cristã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HARRIS, Sam. *Despertar: um guia para a espiritualidade sem religião*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LOIOLA, Rita. A espiritualidade sem Deus. *Revista Veja*, São Paulo, 2016.
- MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. 2. ed. São Paulo: 2014.
- MOTA, Lindomar Rocha. Ncoateísmo. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 26-39, 2010.
- ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia: física da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

- ONFRAY, Michel; SATHIEL, Monica. *Cristianismo hedonista: contra-história da filosofia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- ORO, Ari Pedro. *A laicidade na América Latina: uma apreciação antropológica*. In LOREA, Roberto Arruda (Org). *Em defesa das liberdades laicas*. Porto Alegre: Livraria do advogado, 2008.
- SCHELEIERMACHER, Friedrich. *Über die Religion: reden na die Gebildeten unter ihren Verächtern*. Berlin: Ok Publishing, 2019.
- SILVA, Mauro Sérgio Santos. Notas sobre o neoateísmo: o ateísmo científico de Richard Dawkins, seleção natural e a improbabilidade da existencia de Deus. *Caminhos*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 442-451, 2022.
- TEIXEIRA, Alfredo. *Religião, memória e cultura: perspectivas teóricas a partir de Maurice Halbwachs*. *Horizonte*, Belo Horizonte, v.17, n. 53, p. 915-935.
- USARSKI, Frank. *Constituintes da ciência da religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- ZENK, Thomas. “*Neuer Atheismus*”: “new atheism”. Germany: *Approaching Religion*, v. 2, n. 1, p. 241-258, 2019.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 17. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.